

'É preciso sensatez no 2º turno'

ROSÂNGELA BITTAR

— Quem saiu ganhando nas eleições?

— As eleições municipais não são caracterizadas apenas pelas capitais. São caracterizadas no geral de cada estado. De modo que não se pode fazer um balanço apenas pelas capitais. Da minha parte, estou muito satisfeito com os resultados da Bahia. O PFL, também, do ponto de vista nacional, se saiu muito bem. Eu não posso fazer um exame para dizer quem ganhou e quem perdeu as eleições. Nos últimos dias, porém, é inegável que houve um crescimento do PT, nas capitais. E isso fez sentir que, embora o PT não vencesse em muitas delas, teve uma posição de destaque na ampliação dos votos dos seus candidatos nos últimos dias da campanha.

— Há surpresas entre os perdedores?

— É sempre desagradável dizer quem ganha e quem perde. Até porque, em política, as vitórias ou derrotas são sempre efêmeras. Isso é uma coisa que não tem um quadro definitivo. Embora eu tenha tido muita sorte na Bahia nos últimos tempos, não posso dizer que sou um vencedor permanente. Todos conhecem vitórias e derrotas. Agora, é óbvio que aqueles que construíram, com trabalho, boas administrações, tiveram êxito nas eleições de um modo geral. Os prefeitos que realizaram boas administrações em seus municípios foram muito bem avaliados nas urnas pelo eleitorado. Os que não tiveram êxito em seus municípios foram penalizados. O que é muito difícil é fazer um exame partidário, para mostrar que esse ou aquele partido foi o vencedor ou o perdedor.

— Ficou claro que os governadores do PSDB, entre eles Mário Covas, Tasso Jereissati, Eduardo Azeredo e Marcelo Alencar, estes dois no fim da campanha, foram derrotados?

— Eu não diria que foram derrotados. Acho que há governadores do PSDB que, mesmo sendo derrotados, foram hábeis. É o caso do Tasso. Porque mesmo o Tasso tendo sido derrotado na capital, ninguém o vê exagerar a sua situação no pleito da cidade de Fortaleza. Ao contrário, ele fala sobre todos os assuntos, menos sobre o pleito de Fortaleza. Ele fala até sobre a ONU, mas não fala sobre Fortaleza. Ele fala sobre a sucessão presidencial, sobre reeleição, sobre o futuro candidato a governador do Ceará, mas não fala sobre a eleição de Fortaleza. O que demonstra uma grande habilidade, porque é um fato que passa despercebido. Ao contrário do que aconteceu em São Paulo. Os tucanos deram uma dimensão muito grande à sucessão municipal, o que causou um certo prejuízo do ponto de vista político. Se tivessem dado uma dimensão normal, de uma vitória ou derrota municipal, não estariam amargando a derrota do modo que ficou caracterizado.

— Como o senhor avalia a força que o prefeito Paulo Maluf ganhou nesta eleição?

— O Paulo Maluf conseguiu modificar bastante, em São Paulo, a sua imagem, em função do trabalho que realizou na prefeitura. É óbvio que a posição do Maluf em São Paulo não era a que ele tem hoje. Mas isso não significa que ele ficou uma figura popular no Brasil inteiro. Não. A sua popularidade melhorou, mas ela existe basicamente em São Paulo. Por causa da sua atuação na prefeitura, realizou obras. O povo gosta de quem realiza obras. O padre Antônio Vieira dizia, com muita propriedade, que se chega mais ao coração do homem pelas obras do que pelas palavras. As pessoas que vêem as obras feitas, sentem que essa autoridade, sobretudo se ela é municipal, tem um prestígio maior. E é o que aconteceu com o Maluf. É o que aconteceu com vários prefeitos que fizeram, de um modo geral, seus sucessores — Jarbas Vasconcelos, em Recife, Tarso Genro, em Porto Alegre, Rafael Grecca, em Curitiba — e assim uma série de prefeitos que fizeram sucessores na base do trabalho realizado. Eu não sei se porque Salvador sofreu mais, eu fui beneficiado em função de uma coisa que eu jamais gostaria, que Salvador não tenha tido uma boa administração. Como não teve, isso também ajudou o nosso êxito em Salvador.

— O presidente Fernando Henrique não saiu das eleições municipais de 96 pior do que entrou?

— Depende. Se o presidente Fernando Henrique quiser se colocar como um homem exclusivamente de um partido, ele não sai melhor do que entrou. Sai pior. Se ele quiser se considerar um homem que tem apoio de vários partidos e que esses vários partidos que o apoiaram fizeram realmente um grande número de prefeitos, tiveram êxito em várias capitais e em municípios grandes do interior, ele sai bem. Ele é que decide. Se ele quer ser um presidente exclusivamente de um partido, ou se ele quer representar as forças que o apoiam. Se ele representa as forças que o apoiam, não sofreu nenhuma derrota. Se representa apenas um partido, não foi um bom exemplo.

O senador Antônio Carlos Magalhães marcou sua biografia, aos 69 anos, com mais uma vitória política expressiva, conquistada nas eleições municipais deste ano. Ao eleger Antônio Imbassai, do PFL, prefeito de Salvador, no primeiro turno, ACM ganhou pela primeira vez uma disputa direta para a prefeitura da capital.

Mas o corpo-a-corpo exigido neste tipo de eleição não impediu que o senador estivesse todo o tempo ligado aos acontecimentos do resto do país — de Norte a Sul, como não poderia deixar de ser quando se tra-

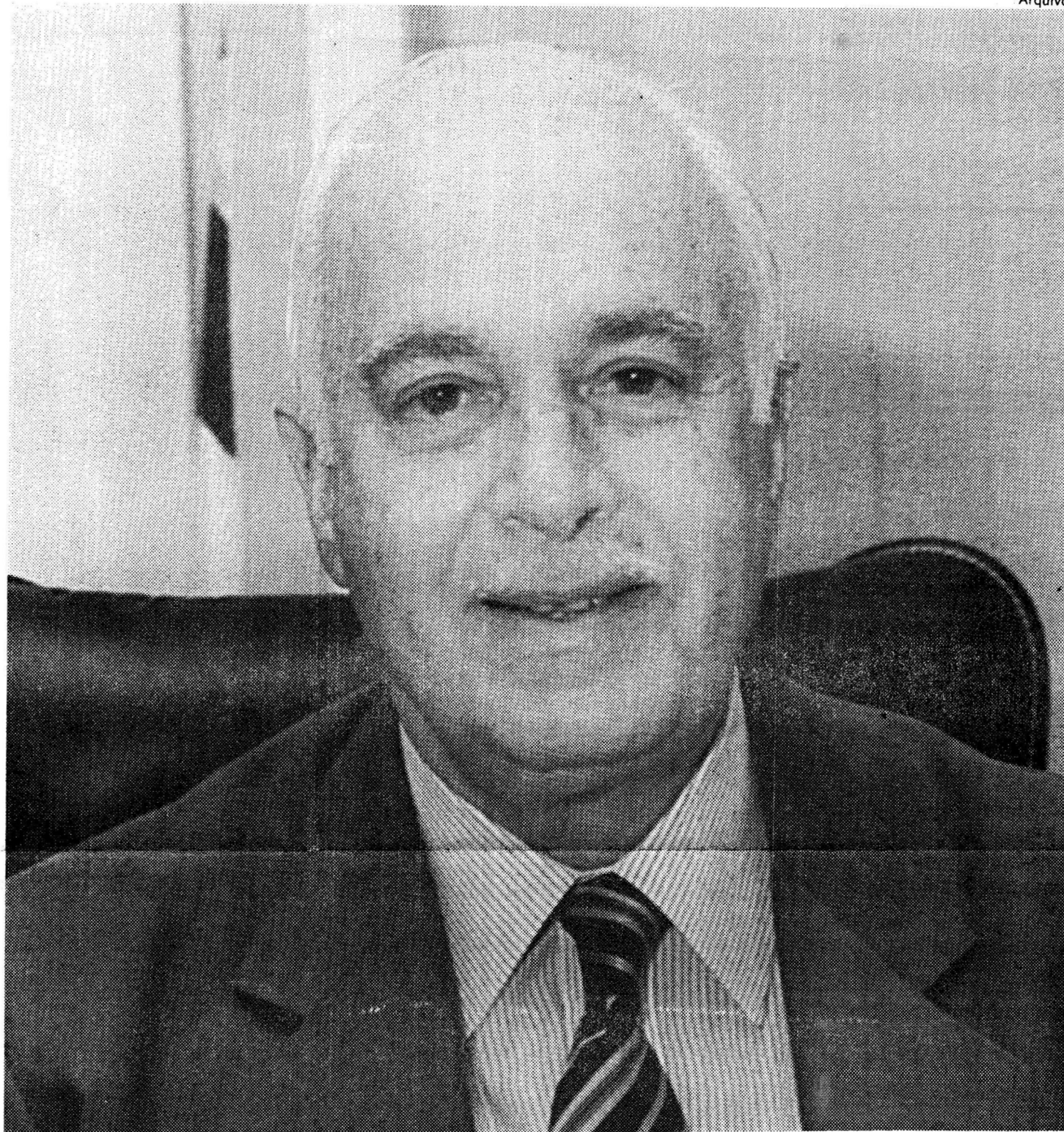
ta de um líder político com ativa participação na vida nacional. "Se o governo não agir com sensatez, vamos ter dificuldades de inserir na Constituição a reeleição", alerta o senador.

Agir com sensatez significa, neste caso, manter a neutralidade no segundo turno das eleições em São Paulo. Relacionando as principais lições que podem ser tiradas dos atuais acontecimentos políticos, Antônio Carlos calça as sandálias da humildade. "Quem não tiver humildade não aprende as lições que os fatos políticos nos ensinam." ACM

se recusa a diplomar os fortes ou os fracos que surgiram nesta disputa. "Em política não existem fortes nem fracos que não possam negociar. Ninguém tem força o suficiente para esmagar ninguém."

Na noite de sexta-feira, depois de uma visita à Igreja do Senhor do Bonfim para agradecer tanto apoio popular, Antônio Carlos Magalhães fez, em entrevista por telefone ao JORNAL DO BRASIL, sua avaliação sobre o desempenho dos partidos, dos prefeitos, governadores e do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Arquivo



César Maia

"O César Maia já era credenciado pela administração que fez, pelo companheirismo com todos nós do PFL"

São Paulo

"O presidente não tem por que participar do processo em São Paulo"

Reeleição

"Se o governo não agir com sensatez, terá dificuldade com a reeleição"

— Mas esse é um tipo de definição que, para funcionar, teria que ocorrer antes da campanha. O comportamento do presidente durante a campanha não deixou clara a opção?

— O comportamento dele na campanha, em São Paulo, junto com os outros companheiros dele, salvo os que exageraram, é uma coisa natural. O presidente é amigo, colega, do José Serra. Eles insistiram para o José Serra ser candidato. O José Serra é um homem de bem. Teve, então, obrigação de apoiá-lo. Agora, o apoio não significa que vá ao exagero do improprio, da palavra indesejada e uma porção de coisas que, infelizmente, ocorreram na eleição de São Paulo, fazendo com que os vencedores ficassem maiores do que deveriam ficar.

— O senhor está falando do ministro Sérgio Motta?

— Não citei nomes.

— Essa eleição revelou profissionais da política que o senhor desconhecia ou amadores que o senhor imaginava profissionais?

— Não. Essa eleição, na minha ótica, revelou administradores que tiveram êxito na política, o que será sempre crescente. Chegar à política pelo êxito administrativo e não pela sabedoria política, entre outras. Então, as pessoas que chegam à política pelo êxito administrativo, essas tiveram êxito nessa eleição. Aquelas que querem chegar sempre pela sabedoria política, por causa de golpes políticos, essas não tiveram êxito.

— O que significa para o PFL ter ido, com vantagem, para o 2º turno no Rio?

— É altamente representativo e ele se saiu bem. Das cinco capitais mais importantes do Brasil, em duas, Salvador e Recife, o PFL fez o primeiro no 1º turno. Além de ter, no Rio, obtido o primeiro lugar para ir para o 2º turno, com o candidato do prefeito César Maia, o Conde, que se saiu muito bem. Então, o PFL se saiu muito bem. Até em São Paulo. Não foi por causa do PFL, seria injusto dizer, mas o partido ocasionalmente fez uma aliança com Maluf, fazendo o candidato a vice-prefeito. Ou seja, vai para o 2º turno com o vice-prefeito.

— O desempenho do César Maia lhe confere um novo status no partido?

— Claro. O Cesar Maia já era credenciado pela administração que fez, pelo companheirismo com que atuou com todos nós do PFL. Agora, pelo êxito político e pelo respeito que recebeu da população na eleição municipal do Rio.

— O senhor ganhou a primeira vez em Salvador na eleição direta. Por que venceu?

— Ganhei para prefeito. Já ganhei como senador, como governador...

— Qual foi a razão da vitória, desta vez?

— Honestamente, tenho que dizer que dois pontos foram importantes. Primeiro, o contraste que se fazia entre os oito anos de administração municipal e os quase seis anos de administração estadual. Da minha administração e da administração do Paulo Souto. Então, o município sem fazer absolutamente nada na cidade de Salvador e o governador fazendo tudo no estado, inclusive em Salvador, cria um contraste absoluto. Em segundo lugar, apresentamos um nome muito melhor do que qualquer outro e o povo levou muito em conta quem apresentava o melhor candidato.

— Quais são os reflexos imediatos dessa eleição nos projetos do governo, principalmente na aprovação da reeleição?

— A influência da eleição municipal não seria grande. Se não deixarem prosperar os acontecimentos de São Paulo, que não foram nada agradáveis, as coisas poderão marchar melhor em função do projeto de reeleição que o governo adota. Pode-se retomar o projeto da reeleição com muita possibilidade de êxito. Mas se o governo não agir com sensatez, nós vamos ter dificuldades de inserir na Carta a tese da reeleição, que julgo absolutamente certa, mas que, de qualquer maneira, o momento político não vai aconselhar se o governo agir errado nesse processo.

— E o que é agir com sensatez?

— Na minha ótica, é o presidente não participar, como governo ou como cidadão, não interferir nesse processo, uma vez que ele não tem apoio do PT no Congresso e tem, seja parcial ou não, o apoio do PPB. Não tem por que ele estar participando de

um processo em São Paulo contra esse ou aquele candidato. Deve ficar, pelo menos, com a neutralidade, e ver o que acontece, e não pôr máquina, ou coisa que valha, que não é seu hábito, nem do seu desejo.

— Que lições o senhor acha que o presidente e seu governo devem tirar dessa eleição?

— Todas as pessoas tiram, de todos os acontecimentos políticos, lições que poderão servir para o seu aprendizado ou não. A cada dia aprendemos mais com o que fazemos na vida. Com a política, os fatos nos dão a oportunidade de ver o que fazemos certo e o que fazemos errado. Mas para isso é preciso ter sempre uma grande dose de humildade. Quem não tiver humildade, não aprende as lições que os fatos políticos de cada dia nos ensinam. Esse é o primeiro ponto. O primeiro ponto é a humildade do presidente e de seu governo para aprenderem as lições das urnas.

— É possível achar humildade em tucanos?

— Não considero que os tucanos não tenham humildade. Não faço parte desse grupo que os considera diferentes. Gosto até dos tucanos. Eles voam bem. Às vezes é preciso se aparar uma asa aqui, outra ali, mas eles voam bem.

— O PSDB foi o partido que teve o pior desempenho nessa eleição municipal. Isso quer dizer alguma coisa?

— Não penso assim. Esse não é o meu ponto de vista.

— Mas os dados de apuração do tribunal não estão apontando isto?

— Essa análise precisa ser feita com mais cuidado, no todo dos estados. Não se pode fazer assim, uma análise desse tipo, apenas pelas capitais. Porque as eleições foram feitas em cinco mil e tantos municípios. Se nós fizermos apenas pelas capitais, poderemos até fazer uma análise deformada. E isso tem que ser feito pelo número de municípios, pelos estados. Veja, por exemplo, o caso de Fortaleza. O PSDB perdeu lá, mas o desempenho no resto do estado deve ter sido muito bom.

— Como negociar a sucessão presidencial com um Maluf fortíssimo?

— Em política, não existe nem exageradamente fortes, nem fracos que não possam também negociar.

Paulo Maluf

"O povo gosta de quem faz obras, mas a posição dele em São Paulo não o torna popular em todo o Brasil"

Lições

"Quem não tem humildade não aprende as lições que os fatos políticos nos ensinam diariamente"

Fernando Henrique

"Se ele considerar que representa as forças que o apoiam, então não sofreu derrota alguma"